# «Fanta-Ghirò» ou «A Donzela que vai à guerra»

POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

---

O conto tradicional italiano intitulado «Fanta-Ghirò» tem para nós portugueses um grande interesse. Trata-se, nada mais nada menos, do inspirado romance popular «A Donzela que vai à guerra» posto em prosa. Vamos provar esta afirmação comparando as passagens fundamentais da narrativa italiana, com as diferentes versões do romance português. Não podemos esquecer as variantes brasileiras pelo interesse que revestem. Seria curioso também comparar a novela com as diferentes lições em verso do romance na literatura oral italiana e espanhola. Em prosa e em forma de narrativa só conhecemos «Fanta-Ghirò» da tradição italiana. Na «Fanta-Ghirò» surgem alguns pormenores secundários, que não vêm citados nas diferentes lições de «A Donzela que vai à guerra». O mesmo acontece com algumas passagens do romance às quais não se fazem referência na novela italiana.

MARC MONNIER diz o seguinte no seu livro «Les Contes Populaires en Italie»: «Gherardo Nerucci recolheu en Montale-Pistoiese uma narrativa muito curiosa que não é um conto de fadas, mas sim a história duma heroína chamada Fanta-Ghirò. A narradora Luísa Ginanni conta esta aventura, numa prosa ritmada que se assemelha aos romances espanhóis» (1).

Estudando todas as versões luso-brasileiras que nos foi dado conhecer, podemos confirmar a nossa afirmação. Principia a novela italiana intitulada «Fanta-Ghirò» por nos dizer que, em tempos idos, havia um rei que tinha três filhas muito bonitas e que se chamavam, a mais velha, Carolina, a do meio, Assunção e, a mais nova, Fanta-Ghirò. Em nenhuma das versões portuguesas se indica o nome das três filhas, mas encontra-se o nome de uma delas. Assim a nossa heroína é Leonor, na variante «Dom Marcos» de Loulé (Algarve) (2) e D. Guiomar numa

variante de Lisboa recolhida por ALMEIDA GARRETT (3). A seguir sabe-se, pela versão italiana, que o rei sofria duma doença incurável e que por isso não podia sair do quarto. Um belo dia, as filhas do rei perceberam que se estava a passar qualquer coisa de muito grave, e perguntaram ao pai o que acontecera. Este respondeu, muito triste, que um poderoso rei dum país vizinho lhe tinha declarado guerra e que ele, devido ao seu precário estado de saúde, não poderia comandar os seus exércitos.

O caso ainda assumia maior gravidade, porque, além disso, não tinha um bom capitão para o substituir.

Na versão portuguesa mais antiga que se conhece, intitulada «O Rapaz do Conde Daros», citada na Aulegrafia de JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS, pode ler-se o seguinte:

*Pregonadas son las guerras*
*De Francia contra Aragone...*
*Como las haria triste*
*Viejo cano y pecador?...* (4)

Em quase todas as versões portuguesas, indica-se o campo de batalha e quais foram os reinos em conflito. No entanto, em algumas variantes, como, por exemplo, em «Dom Carlos e D. Leonor», versão de Vila Nova de Gaia, não se indica o local da batalha nem os povos em guerra, tal como acontece na novela italiana (5). Na variante «Dom Martinho», de Porto da Cruz (Ilha da Madeira), o pai lamenta-se por estar muito velho e cansado e não ter um filho varão para dirigir os seus exércitos:

*Coitado de mim, sou velho*
*Guerras já p'ra mim não são*
*De duas filhas que tenho*
*Sem nenhuma ser varão!* (6)

Na variante de «Dom Carlos», Areias (Santo Tirso), verifica-se que o velho guerreiro é um rei que, lamentando a sua pouca sorte, acusa a própria mulher:

*Mal hajas tu rainha,*
*Mal haja a tua geração...* (7)

Pela variante intitulada «Romance da donzela que foi à guerra», de Vitória (Brasil), fica-se a conhecer o nome do monarca:

*Grande guerra se apreguou*
*Contra El-Rei D. João.* (8)

Enquanto em «Fanta-Ghirò» as três filhas se oferecem sucessivamente ao pai para servirem de capitão, nos romances portugueses apenas uma filha entra em acção. Na variante portuguesa «D. Carlos», de Areias (Santo Tirso), verifica-se que a filha mais nova se oferece heròicamente para substituir o pai no comando dos exércitos:

*A filha mais nova,*
*Ouvindo diz: — sou varão,*
*Dê-me espada e cavalo,*
*Qu'eu sirvo de capitão.* (7)

Para que fique bem gravada a decisão da intemerata donzela, vale a pena transcrever, da variante «Dom Martinho», de Porto da Cruz (Ilha da Madeira), os seguintes versos:

*La mais moça respondeu,*
*De seu forte coração:*
*Dai-me armas e cavalo,*
*Las guerras p'ra mim serão.* (6)

Na narrativa italiana, Fanta-Ghirò, a filha mais nova, pediu ao pai que a deixasse comandar os exércitos, como se fosse filho varão. Seria um forte e ousado capitão. O rei, ao ouvir isto, objectou que a guerra não era coisa para mulheres e que também era muito nova. Compare-se isto com algumas passagens das variantes portuguesas do romance «A Donzela que vai à guerra».

A filha insiste em ir para a guerra em substituição do pai. Na versão intitulada «Donzela que vai à guerra», de Machico (Ilha da Madeira), pode ler-se:

*Pai, armai-me cavaleiro*
*Homem serei, mulher não.*
*E por vós farei las guerras.* (6)

ou em «Hoje s'apregoam guerras», de Caniço (Ilha da Madeira):

*Dai-me vós licença pai,*
*Não me falta coração.* (6)

E, ainda na mesma versão, a donzela declara ao pai, peremptòriamente:

*Irei eu por vós à guerra.* (6)

Perante o assombro do pai, a filha insiste no pedido, como se pode ver em «Dom Varão», de Ribeira do Nabo, Ilha de S. Jorge (Açores):

*Venham armas e cavalo*
*Quero ser filho varão.* (9)

Enquanto na narrativa italiana as objecções do pai se resumem, como atrás se viu, apenas em duas: a guerra não ser para mulheres e a pouca idade da donzela, nas variantes portuguesas do romance as objecções são muitas. Assim o pai chama a atenção para determinados pormenores que iriam denunciar o sexo, tais como a expressão dos olhos, a configuração dos ombros, a forma dos seios, a delicadeza das mãos, a pequenez dos pés, a maneira de andar, o aspecto das pernas, os cabelos compridos, os lábios vermelhos, a falta de barba, as orelhas furadas, a beleza do rosto, a largura dos quadris, o nome de mulher e finalmente o perigo dela se apaixonar por algum valente soldado.

A donzela guerreira convenceu o pai, depois de destruir, uma por uma, todas as objecções. Por fim, o pai acabou por consentir. Na narrativa italiana, diz-se: «Fanta-Ghirò vestiu a armadura, segurou na espada e na pistola, montou a cavalo e partiu à frente das suas tropas». Nas variantes portuguesas do romance, depois do pai lhe dar a bênção, a donzela teria pedido, segundo o que ensina a versão de Vassouras (Brasil), intitulada «Dom Carlos ou história de D. Guiomar»:

*Venham armas e cavalo*
*Que eu serei filho varão.*
*Venham calças, venham armas*
*Venha apertado gibão.*
*Venham esporas douradas*
*Venha também um guião.* (10)

Na variante «Leão Marques», de Montalegre, encontra-se a resposta do pai:

*Vou mandar um dos criados*
*Dar-te espada e cavalo.* (11)

Mas, onde o caso fica bem esclarecido, é no «Romance da dama guerreira», de Pernambuco (Brasil):

*Não me resta um só varão,*
*Para me valer agora*
*Nesta triste ocasião.*
*Mandai-me, senhor, à guerra*
*Que eu servirei de varão.*
*Como poderá isto ser,*
*Filha do meu coração,*
*Quando te virem na guerra*
*Logo te conhecerão.* (12)

Mais adiante, na mesma versão, o pai dá a autorização pedida:

*Já que queres, minha filha,*
*Guerrear em Aragão*
*Eu te concedo licença*
*Te boto minha benção.* (12)

A donzela, segundo a variante de «Leão Marques», de Montalegre, despediu-se do pai:

*Um abraço ao seu pai deu;*
*Montando, foi para a guerra;*
*E com valor combateu.* (11)

Na versão «Dom Martinho», de Porto da Cruz (Ilha da Madeira), verifica-se que:

*Vestida de suas armas,*
*Montando seu alazão*
*Foi la donzela p'r'as guerras.*
*Que nem que fosse varão.* (6)

Segundo a narrativa italiana, Fanta-Ghirò encontrou-se no campo de batalha com o exército inimigo, comandado por um belo príncipe. Quando o príncipe a viu, ficou fortemente impressionado e suspeitou de que se tratava de uma mulher disfarçada de homem. Sob esta ideia propõe-lhe que se encontrem no palácio dele e discutam o problema antes de se iniciarem as hostilidades. Fanta-Ghirò aceitou e partiu para casa do príncipe inimigo. Este, antes da conferência, procurou a rainha mãe e disse-lhe profundamente perturbado:

*Fanta-Ghirò é tão doce e tão bela!*
*A sua voz canta e o seu olhar brilha!*
*Deve ser uma donzela!* (1)

Nas variantes portuguesas, o caso é posto de forma semelhante. Assim, por exemplo, na versão de Loulé (Algarve), pode ler-se:

*Ai, minha mãe da minha alma,*
*Morro-me do coração.*
*Os olhos de Dom Martinho*
*São de mulher, de homem não.* (2)

O drama do homem apaixonado está bem descrito na lição de Machico (Ilha da Madeira):

*Minha mãe, aqueles olhos*
*São de mulher, de homem não,*
*Los olhos de Dom Martinho*
*Mal cabo de mim darão.* (6)

Ou na versão de Vassouras (Brasil):

*Minha mãe, eu trago dores*
*Dentro do meu coração.* (10)

A mãe, nas lições luso-brasileiras do romance, aconselha o filho a sujeitar o soldado a inúmeras provas para esclarecer em definitivo o seu verdadeiro sexo: acompanhá-lo ao pomar, ao quintal, ao jardim para ver se ele gostaria de determinadas flores, ou fruta ou hortaliça tanto do agrado das mulheres; ir com ele jantar, porque se ele se sentasse em cadeiras baixas denunciaria o seu sexo, ou ainda

a passear ou a merendar ou cear, ou na maneira de cortar o pão e o queijo, ou acompanhá-lo à feira, ao mercado ou à tenda, para o tentar a comprar vestidos ou fitas, corais, rendas ou jóias. Noutras provas também incita o filho a desafiá-lo para caçar, ou até namorar as moças, e, se isto não bastar, a ir à taberna, ou a nadar ou a dormir com ele. Na narrativa italiana apenas são referidas quatro tentativas: levá-lo a uma sala de armas, acompanhá-lo ao jardim, convidá-lo a jantar e finalmente a tomar banho juntos. Na novela italiana, as duas filhas mais velhas não conseguem fazer o papel de filho varão, porque, ao ver umas lindas canas, uma denuncia o sexo dizendo que faria com elas excelentes rocas, e a outra não resiste à tentação, ao observar uma quantidade de estacas bem firmes, de exclamar que elas seriam óptimas para fabricar fusos (1). Nas versões luso-brasileiras do romance não se fala neste assunto. Há uma referência à roca numa versão espanhola das Astúrias (13).

Voltemos a confrontar a novela italiana com as lições de «A Donzela que vai à guerra».

Para principiar, a mãe, na narrativa italiana, aconselha o filho a levá-la a uma sala de armas, porque, se for mulher, passará pelas armaduras sem reparar nelas. O príncipe assim fez, mas qual não foi o seu espanto ao ver Fanta-Ghirò pegar numa espada e brandi-la com a maior perícia; depois, disparou as espingardas, bem como as pistolas, como se fosse um guerreiro experimentado. O príncipe, muito triste, foi ter com a mãe e contou-lhe o que se tinha passado.

Na variante portuguesa da Ilha Terceira (Açores), pode ler-se:

*Convidai-o vós, meu filho,*
*Para ir convosco feirar,*
*Porque, se ele for mulher,*
*Às fitas se há-de pegar.* (9)

A donzela guerreira não se deixou enganar, tal como informa a variante de Ribeira do Nabo, Ilha de S. Jorge (Açores):

*Dom Varão como discreto*
*Às espadas se apegou.*
*Oh que rica espada esta*
*Para Dom Varão brigar.* (9)

Ou como ensina a versão de Maçores:

*Oh que facas e pistolas*
*Para um homem batalhar.* (14)

Na narrativa italiana, o príncipe procurou a mãe e contou-lhe o que se tinha passado. A mãe aconselhou-o a não desanimar e a que o convidasse a acompanhá-lo ao jardim, porque, se for mulher, ela colherá violetas e rosas para as colocar no peito. Se, pelo contrário, for um homem, irá cortar um belo jasmim de Espanha e pô-lo-á na orelha.

O príncipe conduziu-o ao jardim, e Fanta-Ghirò não ligou a mínima importância às rosas nem às violetas, mas colheu um jasmim de Espanha e pô-lo na orelha. Nas diferentes variantes luso-brasileiras não aparecem nem as violetas, nem o belo jasmim de Espanha, mas sim rosas e cravos, tal como ensina a variante de Lisboa, referida por ALMEIDA GARRETT:

*Convidai-o vós, meu filho,*
*Para ir convosco ao jardim*
*Que se ele mulher for*
*Co'as rosas se hà-de tentar.* (3)

A isto, responde categòricamente, tal como ensina a variante de Porto da Cruz:

*Lindos cravos são p'ra damas*
*Quem las fora convidar;*
*Los homens não querem cravos*
*Mas rosas... p'ra desfolhar.* (6)

Ou ainda, como diz a versão de Vassouras (Brasil), lembrando o sentido marítimo dos portugueses:

*A donzela por discreta*
*No carvalho foi pegar:*
*— Com este lenho faria*
*Barco para navegar.* (10)

Na narrativa italiana, depois de o príncipe ter relatado à mãe o que se passara no jardim, esta aconselhou-o a que o convidasse para

jantar e se o vires cortar o pão junto do peito, podes ter a certeza de que é uma mulher. Se, pelo contrário, cortar o pão no ar, trata-se de um homem. Fanta-Ghirò cortou o pão sem o apoiar no peito.

Na variante portuguesa «Dom Barão», da Foz do Douro, encontra-se textualmente:

*Convida-o tu meu filho,*
*Que contigo vá cear,*
*Porque no partir do pão*
*Se virá a delatar,*
*Que se ele o partir no peito*
*Por mulher se hà-de mostrar.*
*Dom Varão como discreto*
*De nada se receiou*
*Pegou na faca de ponta,*
*Pão e queijo estransinhou.* (5)

Depois de todos estes insucessos, a mãe, no conto italiano, aconselha o filho a fazer uma última experiência: convidá-lo a tomar banho no tanque grande. Se recusar, é de presumir que seja mulher. O príncipe foi ter logo com Fanta-Ghirò e disse-lhe para tomar banho com ele. Anuiu, desde que se banhassem só no dia seguinte. Imediatamente mandou um criado fiel, a seu pai, pedindo-lhe que lhe enviasse uma carta o mais ràpidamente possivel, dizendo que estava às portas da morte.

No dia seguinte, pelo meio-dia, o príncipe esperou-o junto do tanque. Fanta-Ghirò ao chegar declarou: ainda não posso tomar banho porque estou a suar, e tenho medo de me constipar. Com isto só queria ganhar tempo, a ver se a mensagem chegava. As horas passavam e o emissário sem aparecer. O príncipe renovou o pedido: vamos tomar banho! Fanta-Ghirò replicou: estou doente, sinto muitos arrepios nas costas e nas pernas. O príncipe declarou que tudo isso era apenas impressão. O banho até lhe iria fazer bem. Neste momento aproximou-se um dragão a cavalo, apeou-se e entregou uma carta a Fanta-Ghirò. Esta abriu-a, leu-a e, mostrando-se aflita, disse ao príncipe: quando sinto arrepios é sempre sinal de mau agouro. Acabam de me chegar más novas: meu pai está a morrer e quer ver-me quanto antes. Tenho de partir. Façamos a paz, e logo que puder venha visitar-me ao meu reino; lá tomaremos banho ao mesmo tempo...

O príncipe ficou tristíssimo, mas não teve outro remédio senão concordar. Fez a paz e deixou partir Fanta-Ghirò.

Esta, antes de abandonar o seu quarto, deixou escrito um bilhete sobre o genuflexório:

*Fanta-Ghirò chegou como mulher*
*E como mulher partiu.*
*As minhas saudações.*

No dia seguinte, o príncipe deu uma volta pelos aposentos onde estivera hospedada a princesa, e qual não foi o seu espanto ao ler o bilhete que Fanta-Ghirò deixara. Foi logo procurar a mãe e mostrar-lhe o papel. Minutos depois, montou a cavalo e dirigiu-se a toda a velocidade para o palácio de Fanta-Ghirò. Mal se viram caíram nos braços um do outro e pouco depois casaram. Quando o soberano morreu, o príncipe e Fanta-Ghirò ficaram a ser os soberanos dos dois reinos unidos, e foram sempre muito felizes.

Nas diferentes variantes portuguesas do romance, a mãe aconselha o filho a ir nadar, tal como ensina, por exemplo, a lição de Goa:

*Convidai-o vós, meu filho,*
*Para convosco nadar,*
*Porque se ele for mulher,*
*Desculpas vos há-de dar.* (15)

A donzela anuíu, em princípio, mas, antes de o fazer, mandou a toda a pressa uma mensagem, tal como diz a lição da Foz do Douro:

*Dom Barão como discreto*
*De nada se receiou;*
*Chamou pelo seu criado*
*Uma carta lhe entregou...* (5)

O capitão continuava a insistir, e a donzela fazia tudo o que podia para evitar o banho, até que chegasse a resposta à carta urgente que escrevera, tal como se pode ler na variante de Loulé:

*O príncipe entrou na àgua,*
*Leonor a passear.*
*Vinde, vinde, oh Dom Marcos*
*Vinde, p'ra dentro do mar.*
*Banhar, príncipe, banhar,*
*Tenho o corpo a suar.*
*Vinde, vinde, oh Dom Marcos*
*Vinde, p'ra dentro do mar.* (2)

O príncipe insistiu tanto que a donzela guerreira não teve outro remédio senão preparar-se para tomar banho, como informa a variante de Elvas:

*Tinha uma bota descalça,*
*E outra por descalçar...* (16)

Ou como se lê na variante da Ilha Terceira:

*A donzela por discreta,*
*Começou-se a desnudar...* (3)

Neste momento, segundo a mesma versão, chegou a desejada mensagem:

*Quando lhe veio a notícia...* (3)

Ou, ainda na mesma lição:

*Traz-lhe o seu pagem uma carta...* (3)

A donzela afasta-se da água e finge ler antentamente a mensagem. O príncipe pergunta, desolado, segundo a versão de Machico:

*Onde ides, Dom Martinho?*
*Assim me deixas ficar?* (6)

A donzela, segundo a versão de Ribeira do Nabo, grita de emoção:

*Oh que novas, oh que novas*
*Que acabam de chegar...* (9)

- INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Rua do Campo Alegre, 1055
4100 - P O R T O

Ou, segundo a variante de Areias:

*Oh que ao meu coração chega*
*Uma carta tão sentida...* (7)

E segundo a variante da Ilha Terceira:

*Pôs-se a ler e pôs-se a chorar...* (3)

Que novas seriam essas, que obrigaram a donzela a chorar? Segundo a variante de Porto da Cruz:

*Esta carta que me diz*
*Que meu pai está a acabar!* (6)

E por isso, segundo a versão de Machico, a donzela despediu-se do capitão, dizendo:

*Cá me vou p'rà minha terra;*
*Meu pai me manda chamar.* (6)

O capitão não teve outro remédio senão deixá-la partir. Neste momento, a donzela sentiu que não podia abandonar o capitão e perguntou-lhe se a queria acompanhar a casa de seu pai. Mostrando-se mulher e apaixonada, segundo a lição de Porto da Cruz, disse em voz alta:

*Se quereis sê-lo meu marido,*
*Minha mão vos quero dar.* (6)

E logo a seguir, na versão da Covilhã:

*Venha a casa de meu pai*
*Se comigo quer casar.* (5)

O príncipe, todo contente, disse que a acompanharia, segundo a lição de Porto da Cruz:

*Filho de el-rei que tal ouve,*
*Já não morre de paixão.*
*E lá se vai a palácio*
*Tomar da mãe la benção;*
*Lá se vai com Dom Martinho,*
*Sem penas no coração.* (6)

Na versão da Ilha Terceira:

*Monta, monta, cavaleiro!*
*Se me quer acompanhar.*
*Chegavam a uns altos paços*

*Foram-se logo apear.*
*Senhor pai, trago-lhe um genro*
*Se o quiser aceitar.* (3)

Na lição de Goa, o pai recebeu a donzela guerreira com a maior ternura e alegria:

*Oh meu filho, quem é esse,*
*Que vos vem acompanhar?* (15)

Responde a donzela:

*É, senhor, um genro vosso,*
*Se o quiserdes aceitar.* (15)

Na versão da Ilha Terceira, a donzela acrescentou:

*Foi meu capitão na guerra*
*De amores me quis contar...* (3)

O pai abraçou os dois queridos filhos e anunciou o casamento. Segundo a versão da Ilha Terceira, a donzela disse ao pai:

*Sete anos andei na guerra*
*E fiz de filho barão;*
*Ninguém me conheceu nunca*
*Senão o meu capitão.*
*Conheceu-me pelos olhos*
*Que por outra cousa não!* (3)

Na versão de Vila Nova de Gaia, ela declara:

*Honra trouxe da minha terra,*
*Honra torno a levar.* (5)

Cheia de orgulho, segundo uma variante dos Açores, voltou a afirmar:

*Donzela vim e donzela vou!* (9)

Passado algum tempo realizava-se o casamento do príncipe com a donzela guerreira, tal como afirma a lição de Montalegre:

*E dali a poucos dias*
*As bodas se celebraram.* (11)

## BIBLIOGRAFIA


1) MARC MONNIER — Les Contes Populaires en Italie, Paris, 1880.
2) FRANCISCO XAVIER D'ATHAIDE OLIVEIRA — Romanceiro e Cancioneiro do Algarve, Porto, 1905.
3) ALMEIDA GARRETT — Romanceiro, vol. III, Lisboa, 1875.
4) JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS — Aulegrafia, Lisboa, 1619.
5) TEÓFILO BRAGA — Romanceiro Geral Português, vol. I, Lisboa, 1906.
6) ÁLVARO RODRIGUES DE AZEVEDO — Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal, 1880.
7) AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA — Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos, vol. III, Porto, 1948.
8) GUILHERME SANTOS NEVES — «A Gazeta» Vitória, n.º de 30-XII-1956.
9) TEÓFILO BRAGA — Cantos Populares do Archipelago Açoriano, Porto, 1869.
10) JOAQUIM RIBEIRO e WILSON W. RODRIGUES — Romanceiro Tradicional do Brasil, 1.º Congresso Brasileiro de Folclore-Anais, vol. II, Rio de Janeiro, 1951.
11) AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA — Tradições Populares de Montalegre, «Revista dos Liceus», n.ºs 8, 9, 10, Porto, 1916.
12) FRANCISCO AUGUSTO PEREIRA DA COSTA — Folk-Lore Pernambucano, «Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro», Tomo LXX, Rio de Janeiro, 1908.
13) MENÉNDEZ PELAYO — Antologia de Poetas Líricos Castelhanos, vol. IX, Madrid, 1945.
14) ABADE JOSÉ AUGUSTO TAVARES — Romanceiro Transmontano, «Revista Lusitana», vol. IX, Lisboa, 1906.
15) JOSÉ MARIA DA COSTA e SILVA — Isabel ou a Heroína de Aragom, Lisboa, 1832.
16) A. THOMAZ PIRES — Lendas e Romances, Elvas, 1920.